

**Projeto de Literatura – 1º e 2º Ensino Médio
3º Trimestre – 2017 – Professora Monica Messias**

CINEMA E LITERATURA

LITERATURA E CINEMA: UMA RELAÇÃO MUITO PARTICULAR

Luiz Zanin Oricchio

11 Maio 2011

O problema da adaptação de textos literários é praticamente tão antigo quanto o cinema. Se este nasceu dividido entre o documental (Lumière) e a fantasia (Méliès), logo se colocou a questão ficcional como meta possível. Afinal, a “necessidade narrativa” parece uma pulsão humana que remonta aos primórdios da espécie quando as pessoas se reuniam em volta da fogueira para que alguém lhes contasse uma história.



Divulgação

Vidas Secas. O espírito mais fundo da obra de Graciliano Ramos

Assim, nada mais natural que o cinema aplicasse seu potencial narrativo e se apropriasse de histórias já contadas. Isto é, consagradas pelo cânone de artes muito mais antigas, a literatura ou o teatro. Com muitos percalços, pois o raciocínio imediato – transpor uma história já pronta para tela – não leva em conta o essencial. Isto é, que literatura e cinema são dois modos de expressão diferentes, senão opostos. Num romance, não é tanto a “historinha” o mais importante, mas a maneira como é contada. Isto é, quais as metáforas, o tipo de narração, em primeira pessoa ou terceira, em estilo indireto livre, o pessoal do vocabulário, etc. Isto é, o estilo pessoal que modifica, a seu modo, os recursos da língua. No cinema, esses estilemas são de ordem audiovisual – fotografia, movimento de câmera, uso da música e da trilha sonora, direção de atores, etc., os elementos de construção que conformam um estilo.

Ou seja, quando se leva uma obra ao cinema está se fazendo menos uma adaptação do que uma verdadeira transposição de um meio a outro. É como se o filme negasse o livro para melhor encontrar sua tradução para este outro meio.

Observação que permite colocar o problema mais agudo das adaptações de obras literárias – a tal da fidelidade. Sempre existiu a preocupação em não “trair” a fonte literária original. Como se o diretor pagasse um tributo ao autor do livro e não quisesse decepcioná-lo com uma obra que não fizesse jus à sua fonte. E talvez essa preocupação tenha sido a principal razão de maus filmes baseados em livros ótimos e consagrados. Os casos mais flagrantes podem ser buscados na França dos anos 40 e 50, com suas adaptações de obras de prestígio como *Madame Bovary*, de Flaubert, ou *O Diabo no Corpo*, de Radiguet, procuraram ser tão intensamente “fiéis” que acabaram por desfigurar as obras de origem. O procedimento foi questionado pelos jovens críticos dos *Cahiers du Cinéma*, que, depois, se transformaram nos diretores da *nouvelle vague*. A crítica era a diretores como Autant-Lara ou Dellanoy que, ao tentarem respeitar em excesso as obras de origem, acabaram por traí-las, transformando-as em filmes pesados. Clouzot com *O Diabo no Corpo*, de Raymond Radiguet, e Dellanoy com *Corcunda de Notre-Dame*, de Victor Hugo, para ficar em dois exemplos.

Não por acaso, um dos heróis cinematográficos da *nouvelle vague* foi Alfred Hitchcock, autor da boutade de que se grandes livros dão péssimos filmes, o melhor mesmo é filmar os maus livros. Alguma razão ele deve ter, não apenas pela sua versão de *Os Pássaros*, de Daphne Du Maurier. Basta pensar, por exemplo, no romance medíocre de Mario Puzo, que deu origem a um extraordinário *O Poderoso Chefão* na leitura de Francis Ford Coppola. Exemplos são fáceis de encontrar.

Assim como é fácil encontrar exemplos de obras-primas muito bem transpostas para a linguagem do cinema. Para ficar na seara doméstica, podemos pensar em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, que Nelson Pereira dos Santos transformou num dos títulos mais notáveis do Cinema Novo. Como? Incorporando na fotografia, na montagem e trabalho com o som a secura do ambiente e da vida que oprime a família migrante. Não interessava a Nelson captar a literalidade da trama, mas o espírito mais fundo da obra de Graciliano.

Outra obra-prima da literatura brasileira, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, fornece bom tema para análise, pois foi adaptada por dois diretores de tendência muito diversa – Julio Bressane e André Klotzel. O primeiro, de 1985, chamou-se *Brás Cubas*; o segundo, de 2001, tem por título *Memórias Póstumas*. Dividem ao meio até mesmo o título original do romance. Klotzel é mais literal; Bressane inventa a partir da obra. Para um romance de ruptura, para sua época, com procedimentos literários surpreendentes, a opção de Bressane parece mais fiel, pois se atém ao espírito da obra. Klotzel prestou mais atenção ao conteúdo, enquanto Bressane buscou a forma e reinventou-a na tela numa opção mais autoral.

Objetivos:

- Trabalhar com a leitura e interpretação de obras literárias não exigidas durante o ano letivo, a fim de que o aluno possa expor as leituras que faz à parte, por livre escolha;
- Despertar no aluno o interesse pelo diálogo entre literatura e cinema;
- Tornar o aluno consciente de que o cinema é uma adaptação de uma obra literária;
- Promover o debate em sala de aula e o trabalho em equipe.

Desenvolvimento

Os alunos, em grupos de no máximo 6 componentes, poderão escolher uma das atividades a seguir:

1. Vídeo a partir de uma obra literária (máximo 10 minutos)
2. Resenha

Avaliação

O processo total do projeto vale 1,00 (1 ponto) somado à avaliação discursiva.
O trabalho é opcional.

Apresentação dos trabalhos: 22/11/2017

Observação: as notas das avaliações discursivas só serão lançadas após a apresentação dos trabalhos.

Bom trabalho!